

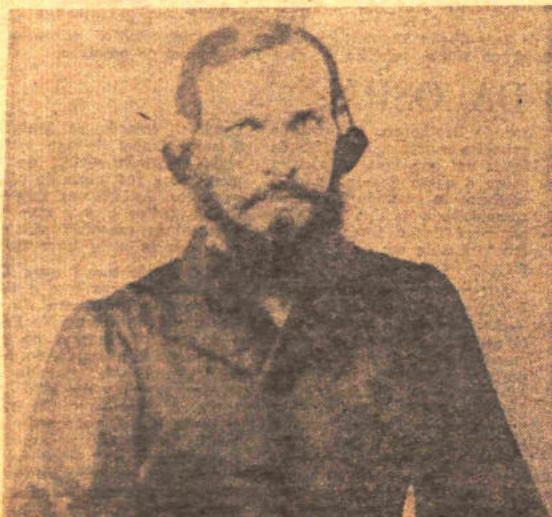
«São hoje 14 de maio de 1866. Vivo na cidade de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Sul; e para muitos Império do Brasil... já se vê pois que isso é uma verdadeira e média! Leve o diabo esta vida de escritor: é melhor ser come diante!» — trecho de «As Relações Naturais» (Ato I, cena 1), de Qorpo Santo. Dez anos depois de sua estréia mundial, no mesmo palco do Clube de Cultura, estréia, hoje à noite, «Qorpo Santo, Um Século Depois», montagem do grupo Scena e direção de Liana Villas-Boas.



Gilberto Perin, do elenco, e a casa de Qorpo Santo.



Mateus e Mateusa tem nova montagem dez anos depois



Qorpo Santo: uma atividade mental "supra-excitada".

## NA ASSEMBLÉIA, HOJE, "A MACACA ESQUECIDA"

A Macaca Esquecida, peça do jornalista Caco Barcelos, com direção de Celso Veltz e produção do grupo A Hora do Anjo, é o cartaz de hoje, às 19h e 19h30, no auditório da Assembleia Legislativa, dando prosseguimento à II Mostra Gatcha de Teatro Infantil. A entrada é gratuita, para todos aqueles que quiserem conhecer o que se faz em teatro infantil durante o ano, em Porto Alegre.

A peça conta a estória de uma mulher que, de tanto pensar, acaba perdendo a memória. «Estou ficando desocupada de minha pessoa — diz ela — estou perdendo o sono. O pensamento está fugindo e a idéia, disparando». Ela enlouquece e passa a morar na avenida de uma grande cidade. Em plena faixa de segurança, Junto a uma sinaleira e um poste com luz a mercurio, ela instala o que pensa ser um táxi — um velho fogão. Na vida da Macaca passam várias outras personagens: Zé Urbano, um ser humano comum,

que se diverte às custas das pessoas e das situações, para não se envolver muito com os problemas da cidade grande; Mário Boemia, um dos últimos sonhadores da cidade, com sua roupa de várias cores e seus galões dourados; Kototz, uma adolescente motoqueira; um guarda de trânsito, dois motoristas de táxi e outras figuras características de um centro urbano.

Os cenários e figurinos são da conhecida artista plástica Lidiá Richinitti: dois telões, um com muito colorido, essas antigas e floridas e, ao fundo, um só com edifícios escuros, dando a impressão que a paisagem poluída está avançando e tomando conta das salas limpas e bonitas. As musicas são de Mutz Weyrauch, o Mustaca, um dos melhores compositores jovens de Porto Alegre com letras do contista e poeta Rafael Baitão. No elenco, nomes novos do teatro gaúcho: Sílvia Veltz, Carlos Palomini, Paulo Flores, Maria Clara Jorge e Nélson de Magalhães.

que se diverte às custas das pessoas e das situações, para não se envolver muito com os problemas da cidade grande; Mário Boemia, um dos últimos sonhadores da cidade, com sua roupa de várias cores e seus galões dourados; Kototz, uma adolescente motoqueira; um guarda de trânsito, dois motoristas de táxi e outras figuras características de um centro urbano.

Os cenários e figurinos são da conhecida artista plástica Lidiá Richinitti: dois telões, um com muito colorido, essas antigas e floridas e, ao fundo, um só com edifícios escuros, dando a impressão que a paisagem poluída está avançando e tomando conta das salas limpas e bonitas. As musicas são de Mutz Weyrauch, o Mustaca, um dos melhores compositores jovens de Porto Alegre com letras do contista e poeta Rafael Baitão. No elenco, nomes novos do teatro gaúcho: Sílvia Veltz, Carlos Palomini, Paulo Flores, Maria Clara Jorge e Nélson de Magalhães.

## Qorpo Santo novamente no Clube de Cultura, dez anos após sua estréia mundial

*Hoje Sou Um, e Amanhã Outro* e *Mateus e Mateusa* são os dois textos de Qorpo-Santo que compõem a montagem do Scena Produções. *Qorpo-Santo, Um Século Depois*, com estréia marcada para hoje, às 21h, no Clube de Cultura, à Rua Ramiro Barcelos, 1353. O espetáculo teve sua estréia na própria cidade natal de Qorpo-Santo, Triunfo, dia 11 de setembro — última, na abertura do Festival de Primavera.

Escrevendo o professor Guilhermino César, em seu livro *Qorpo-Santo: As Relações Naturais e Outras Comédias*: «Entretanto, Qorpo-Santo fundou um gênero: o teatro *nonsense*, só descoberto pelos europeus depois de Jarry. Quando estudamos, na dramaturgia moderna, a ação de Ionesco, comparada com a de Qorpo-Santo, assistimos com este último à irrupção violenta do gênio. Dentro de suas limitações, de sua loucura só um louco chegaria lá». Qorpo-Santo foi autor de uma obra que significa, no conjunto, uma farsa finíssima, em que a vida do brasileiro, no século XIX, se revelava principalmente nos problemas que ela mais ocultava, ou das relações naturais.

Nascido na Vila do Triunfo Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 19 de abril de 1829, José Joaquim de Campos Leão teve uma vida atormentada e infeliz. Comerciante, professor público na Vila de Santo Antônio da Patrulha, diretor do colégio São João, em Porto Alegre, subdelegado de polícia em Alegrete, vereador da Câmara Municipal de Porto Alegre — foram inúmeras as profissões (ou seriam apenas maneiras de ganhar a vida para alguém que era, acima de tudo, um escritor?) que Qorpo-Santo teve em seus 54 anos de vida.

Entre 1862 e 1864 começou o processo judicial de interdição à sua pessoa, por doença mental. Suspensa do magistério, escreveu durante esse período (o mesmo da guerra do Brasil com o Paraguai) pelo menos 17 peças de teatro hoje conhecidas. Examinado em caráter oficial, em 1867, pelos médicos Dionísio do Oliveira Silveira e Carlos Benjamin Petras, foi declarado só e apto para retomar suas funções de professor. Mas no ano seguinte era enviado ao Rio de Janeiro onde, na Casa de Saúde Doutor Eiras, o atestado oficial diz que apresentava «uma atividade mental

supra-excitada», mas que esta era a única irregularidade que observaram.

O processo arrastou-se por quase um ano, até que o juiz Antônio Correia de Oliveira, em despacho oficial, declarou-o definitivamente incapaz de gerir seus bens, sua família e sua própria pessoa.

Defendendo-se das acusações de louco, Qorpo-Santo, editou em Porto Alegre o jornal *A Justiça*, do qual era proprietário e único redator. Em 1871 voltou a residir em Porto Alegre e, em 1877, novamente em Porto Alegre, editou os volumes da sua *Encyclopédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade*, impressos numa tipografia de sua propriedade, na Rua General Câmara. A primeira de maio de 1853, morreu em Porto Alegre, de tuberculose pulmonar, deixando para a mulher e quatro filhos uma fortuna razoável em bens imóveis: 39 contos e 150 mil réis.

A primeira encenação de suas peças foi realizada em 26 de agosto de 1966, no mesmo Clube de Cultura, com alunos do Curso de Arte Dramática da U. F. R. G. S., direção de Antônio Carlos Senna e música de Flávio Oliveira. Dois anos mais tarde, no Rio de Janeiro, Luiz Carlos Maciel dirigiu com o grupo do Teatro Jovem uma polêmica montagem em que, pela primeira vez no teatro brasileiro, uma atriz — Maria Gladys — aparecia com os seios nus. A partir de então, com regularidade, as encenações se repetiram, por grupos amadores e profissionais, em todo o País, chegando até o cinema: o vencedor do I Festival de Curta-Metragem promovido pelo INC e *Jornal do Brasil* foi *Eu Sou a Vida, Eu Não Sou a Morte*, baseado no texto homônimo de Qorpo Santo, dirigido por Heraldo Marinho Barbosa.

Diz Flávio Aguiar, em seu *Os Homens Precários* (A Nacão-DAC-SEC), apresentado pelo autor à Faculdade de Filosofia da USP como Tese de Mestrado em Teoria Literária: «...a dimensão política do teatro de Qorpo-Santo: denunciar, pela base, o mecanismo de representação seletiva da vida que tentava, no século XIX, compor reconciliações às vezes acuadas para decisivas contradições sociais. A importância sócio-cultural desse mecanismo pode ser avaliada por ter ele se cristalizado irremedavelmente na

comédia, único gênero de teatro (voltado, ao invés da literatura, para públicos relativamente grandes e até alfabetos) em que os intelectuais brasileiros daquele tempo conseguiram elaborar uma resposta de bom nível, e quase sistematica, à torrente de cultura estrangeira que entrava no País».

Para Liana Villas-Boas, a diretora do espetáculo, em *Hoje Sou Um, e Amanhã Outro*, o autor retrata exatamente o poder. A forma estrutural e a forma plástica do poder em um reino. Existe um rei, uma rainha, um ministro. Existem damas, soldados, criados, povos. Todos representam coincidentemente uma função dentro de uma grande farsa. Cada um com motivos próprios, conhecendo muito bem seus limites. Aparentemente, porém, é um reino perfeito, calmo e ordenado, sob o manto, o caldeirão fervente.

— *Mateus e Mateusa* — continua Liana — trata basicamente da solidão humana e das consequências que a mesma provoca. A necessidade de as pessoas não se sentirem só, pelo menos fisicamente. A necessidade de, formalmente nem que seja, construir uma família feliz e normal. A rotina que, apesar de juntos fisicamente, a solidão humana pode trazer. A necessidade de refugiar-se no passado que, embora não tenha sido melhor, está distante no tempo, e pode ser moldado pela imaginação. Um passado, no entanto, que também serve para ferir.

Liana Villas-Boas já dirigiu *Eu Sou Herbert*, de Robert Anderson, e *Green Manzanas*, de João Carlos Henz — recebendo, com a primeira, o prêmio da Mutepi-73. No elenco, alguns atores bastante conhecidos em Porto Alegre: Gilberto Perin, que teve há pouco um filme, em colaboração com Ermâni Rosa, selecionado para o Festival de Vanguarda Super 8, realizado em agosto, em Caracas, Venezuela; Joice de Brito e Cunha, que o ano passado teve sua peça infantil *Há Algo de Novo no Reino do Galinheiro* premiada pelo SNT; Sérgio Ilha — adaptador e diretor do texto de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, completando o elenco, Vera Porto, Miriam Tesler, Rosa Braga e Oscar Fernando Simch, este em sua estréia no teatro. Os figurinos são de Sérgio Ilha, a iluminação e os cenários de Vernei Almeida.



A Macaca enlouquece e passa a morar numa avenida.